

# A feira de livros a partir de narrativas orais: uma experiência simbólica na cultura informativa do Rio de Janeiro<sup>1</sup>

*Book fairs from oral narratives: a symbolic experience in the informational culture of Rio de Janeiro*

**Amanda Salomão**

Mestranda em Ciência da Informação pelo convênio entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – UFRJ/IBICT.  
E-mail: [amandachrisalomao@msn.com](mailto:amandachrisalomao@msn.com)

**Gustavo Silva Saldanha**

Doutorado em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT.  
Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.  
E-mail: [saldanhaquim@gmail.com](mailto:saldanhaquim@gmail.com)

## Resumo

A partir do entendimento de espaços diversificados de produção dos saberes e da informação, o estudo teve como principal objetivo analisar a construção das condições simbólicas de circulação e apropriação de conhecimento no âmbito do uso dos artefatos informativos, tendo como foco as experiências urbanas das feiras de livro no Rio de Janeiro. O estudo é resultado de pesquisa desenvolvida, nos anos de 2015 a 2017, no plano do que tratamos como “cultura feirante de informação e a informação sobre a cultura das feiras: produção, circulação e apropriação de fontes de informação sobre feiras de livro no Estado do Rio de Janeiro”. Para o presente artigo, a investigação analisou as feiras de livro da cidade do Rio de Janeiro. Segundo uma abordagem qualitativa, mediante pesquisa bibliográfica e documental e tendo por base os registros orais de visitantes e livreiros coletados através de entrevista semiestruturada, tentou-se verificar como o conhecimento se constrói no *locus* da feira e as experiências simbólicas e de apropriação de saberes que ocorrem nesses ambientes. Como resultado, inferiu-se que as experiências desses sujeitos com o universo informativo contribuem para a construção de um conhecimento sobre as feiras e para a criação de interações simbólicas com diferentes atores sociais. Considerou-se, por fim, que a vivência nas feiras produz a significação simbólica de seus sujeitos e promove a apropriação de saberes sobre esses ambientes e seus artefatos informativos.

**Palavras-chave:** Feira de livro. Linguagem. Narrativas orais. Simbolismo. Cultura informativa.

## Abstract

From the understanding of diversified spaces of production, exchange and appropriation of knowledge and information, the aim of this study was analyse the construction of the symbolic conditions of circulation and appropriation of knowledge within the scope of the use of informational artifacts, focusing on urban experiences of book fairs in Rio de Janeiro. The study is result of research developed in the years between 2015 and 2017, by what we treat as “informational book fair culture and information about the culture of fairs: production, circulation and appropriation of sources of information about the book fairs in the State of Rio de Janeiro”. For the present article, the analysis was centered in the book fairs in the city of Rio de Janeiro. According to a qualitative approach, through bibliographical and documental research and based on the oral records of visitors and booksellers collected through a semi-structured interview, it attempted to verify how the knowledge is constructed in the *locus* of the fair, the symbolic experiences and the appropriation of information that take place in these environments. As a result, it has been inferred that the experiences of these subjects with the informational universe contribute to the construction of knowledge about the fairs and the creation of symbolic interactions with different social actors. In the end, it was considered that the experience in book fairs produces the symbolic significance of its subjects and promotes the appropriation of knowledge about these environments and their informational artifacts.

**Keywords:** Book fair. Language. Oral narratives. Symbolism. Informational culture.

<sup>1</sup> A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## 1. Introdução: paisagens prosaicas no horizonte

Onde o conhecimento se produz e sob quais condições ocorre esta construção? O histórico olhar dos estudos informacionais sobre os chamados “centros de cálculo” latourianos -, ou esferas institucionais como bibliotecas, arquivos e museus, lugares “privilegiados” por um conhecimento científico - abre, de um lado, a evidência de uma epistemologia devotada à institucionalidade dos regimes de informação acadêmicos, com vasta produção hermenêutica e empírica sobre tais lugares; por outro lado, o foco concentrado em tais “centros” nos permite a compreensão da realidade epistêmica não “prioritária” do discurso informacional: tantos e quantos são os *loci* de atuação social onde o conhecimento é tecido, quantos e tantos serão os ambientes onde poderemos perceber a produção e a circulação de saberes.

A partir do entendimento de espaços diversificados de produção dos saberes e da informação como ambientes fundados sob interações simbólicas, a proposta mais ampla deste estudo busca discorrer sobre a compreensão das condições simbólicas de circulação e apropriação de saberes no plano do uso dos artefatos informacionais, tendo como foco as experiências urbanas no Estado do Rio de Janeiro. Especificamente, a análise propôs um olhar sob as feiras (aqui, notadamente, as feiras de livro) e suas camadas de produção simbólica de realidade no âmbito dos artefatos informacionais.

Para o presente artigo, interessa analisar como o conhecimento se constrói no *locus* das feiras de livro, lançando luz na contribuição da interação entre seus sujeitos com o universo informacional para a criação de experiências simbólicas e de produção e apropriação de saberes que ocorrem nesses ambientes. O ponto de vista do interacionismo simbólico aqui evocado responde pela construção de objetos de estudo, no plano da epistemologia informacional, fundados junto do pensamento teórico-metodológico em ciências humanas e sociais que se coloca como alternativa ao positivismo. Concentramo-nos, pois, nas linhas de argumentação do que Martínez Rider & Rendón Rojas (2004) classificam como “paradigma simbólico”, mais próximo das abordagens hermenêutica, etnográfica e aos estudos qualitativos. O real é, aqui, pois, pensado como um produto da linguagem e da interação entre os sujeitos históricos, com ênfase para a compreensão cultural dos fenômenos. No plano da epistemologia do campo, por exemplo, encontramos em Jesse Shera (1977) a linha de discussão central no plano simbólico.

Diante dessa “posição simbólica” da proposta, o corpo de estudos desenvolvidos na pesquisa inicia-se em 2011, com foco nas relações entre filosofia (filosofia da informação e

epistemologia da Ciência da Informação), linguagem e organização dos saberes, que visam à compreensão das formas de elaboração de uma epistemologia dos estudos informacionais, fundamentando-se na tradição filosófica da linguagem e tendo como horizonte a compreensão dos potenciais mecanismos de aplicação dessas reflexões.

Dessa forma, entre os territórios de aplicação, os estudos iniciados encontraram as feiras de livro como espaços de produção, circulação e apropriação de saberes que permitem um olhar através das relações entre linguagem, filosofia e informação distinto dos modos tradicionais de investigações do âmbito epistemológico da Ciência da Informação, que em geral priorizam os canais formais de produção científica do conhecimento para o entendimento do desenvolvimento dos domínios de ciência, tecnologia e inovação.

De modo pontual, o estudo aqui apresentado é resultado de pesquisa desenvolvida, durante os anos de 2015 a 2017, no âmbito do que tratamos como “cultura feirante de informação e a informação sobre a cultura das feiras: produção, circulação e apropriação de fontes de informação sobre feiras de livro no Estado do Rio de Janeiro”. Seu foco geral foi investigar a construção do conhecimento sobre feiras de livro no contexto do Estado do Rio de Janeiro, bem como sua relação com os estudos nacionais sobre a mesma tipologia das feiras.

A primeira etapa da pesquisa teve como objetivo central identificar e mapear a construção do conhecimento sobre as feiras de livro a partir das fontes de informação gerais e especializadas que tratam da temática. Já o segundo estágio da investigação, foco do presente artigo, busca analisar como esse conhecimento se constrói no *locus* da feira, de modo a verificar as experiências simbólicas e de produção e apropriação de conhecimento que se desenvolvem nesses espaços.

Neste trabalho, apesar do intuito mais amplo da pesquisa, focou-se na análise nas feiras de livro da cidade do Rio de Janeiro, especificamente, na Primavera Literária de 2016, espaço escolhido para intervenção. Segundo uma abordagem qualitativa, tendo por base a observação direta via uma vivência nos dias da feira e os registros orais de visitantes e livreiros coletados através de entrevista semiestruturada, intentou-se investigar como suas experiências com o universo informativo contribuem para a construção de um conhecimento sobre as feiras e para a criação de interações simbólicas. Buscou-se, com isso, compreender como a vivência nesse *locus* produz a significação simbólica de seus sujeitos e promove a apropriação de saberes sobre esses ambientes e seus artefatos informacionais.

## 2. Preâmbulo epistemológico: as feiras e o pensamento informacional

Em geral as feiras de livro são compreendidas como espaços não somente de democratização do livro e da leitura, mas que também colocam em diálogo indivíduos, práticas coletivas, tecnologias da informação e comunicação que propiciam dinâmicas de produções de sentido, de modo que seu ambiente informal acaba por se apresentar como *locus* do intercâmbio de linguagens e práticas de significação. Ainda, as feiras emergem como um conjunto complexo de sistemas e formações simbólicas, ou “zonas de prosa” que sugerem os processos lentos de ressignificação e práticas de convivência e de simbolização em curso.

As feiras de livro são comumente caracterizadas como ambientes que possibilitam a compra e venda de livros à preços mais acessíveis, se comparados às livrarias e editoras, tal como aponta Ferraz (2006), atuando como um instrumento de incentivo e popularização de objetos anteriormente tidos como de alcance apenas das classes abastadas. Na abordagem de Massola (2015), as feiras podem ser entendidas não apenas como um espaço para o comércio de livros, mas também um *locus* de sociabilidade e entretenimento, reunindo os mais diversos públicos associados ao universo literário e informacional.

No entanto, quando buscamos problematizar o lugar das feiras de livro (ou de qualquer manifestação da “feira” como fenômeno informacional, espaço social de produção de conhecimentos), a presença de estudos sobre esse *locus* é praticamente nula. Neste contexto epistemológico, sobressaem, centralmente, investigações científicas sobre aquilo que Bruno Latour (2008) chama de “centros de cálculo”, ou laboratórios, bibliotecas, arquivos, museus e suas relações dinâmicas e complexas.

Partindo do ponto de vista de Jesse Shera (1977), no entanto, podemos retirar da própria afirmação epistemológico-social do campo a permanente abertura para a reflexão sobre outros espaços, onde o conhecimento se estabelece sob diferentes *logos* (do cálculo à prosa, da prosa ao cálculo), como é o caso das feiras. O modo de compreensão das interações simbólicas pelo viés epistemológico sheriano nos coloca diante de jogos comunicacionais que definem o humano.

Demarcando o objeto de estudo do campo informacional dentro do escopo de estudos da linguagem, Shera (1977) demonstra que não só no princípio era o verbo, como dificilmente haveria um princípio sem o verbo. A condição *apriorística* da linguagem, no entanto, não se enquadra no terreno metafísico. A visão sheriana está colocando em cena o papel dos construtos

sociais na configuração do real. Além disso, o teórico está afirmando a condição simbólica da fundamentação epistemológico-informacional: é através de uma representação simbólica que podemos perceber e atuar no mundo.

Não concorrentes, como também não “prioritárias”, as feiras de livro se enquadram no terreno epistemológico da Ciência da Informação como um lugar distinto dos centros de cálculo. Procuramos aborda-las no escopo das “zonas de prosa”, noção que coloca em cena o contexto híbrido e a complexidade sob outro panorama: territórios não tomados como “tradicionais” no escopo da produção do conhecimento, mas que se apresentam como espaços distintos de produção, circulação e apropriação tanto dos saberes populares quanto daqueles saberes científicos. Trata-se, portanto, de um conjunto de “áreas de mixagem epistêmica”, de trocas potencializadas e de diálogo difuso entre narrativa e informação, tal qual apresentam-se nas feiras de livro (SALDANHA, 2014).

As “zonas de prosa” representam, pois, o conjunto de espaços onde podemos perceber construções distintas de produção e de apropriação do conhecimento, onde a oralidade possui uma forma de atuação constante, ainda que única, necessariamente isolada, tal qual aponta Turner (2010). Ao contrário, a convergência e a sobreposição de tecnologias igualmente (como nas bibliotecas) está presente na paisagem epistêmica de tais zonas, como as feiras de livro. Trata-se, pois, de posicionar o pensamento simbólico dentro dos estudos informacionais e demarcar a amplitude de lugares de desenvolvimento dos saberes, reconhecendo, como Shera (1977, p. 10), a linguagem como “estruturação simbólica do conhecimento em forma comunicável”. A oralidade sugere na paisagem, aqui, no entanto, um papel decisivo: é articuladora das demais tecnologias da linguagem, é arquiteta da comunicação. A “sugestão”, porém, é sempre provisória, dada a circularidade constante das mais diferentes manifestações em curso nas interações.

A pesquisa articula, pois, em sua estrutura teórica, a compreensão de uma dada cultura informacional que se pergunta antes pela cultura, e não pela informação (porém sob as lentes “linguísticas”) desta última. Da possibilidade de reconhecimento simbólico a partir do pensamento epistemológico em Ciência da Informação, podemos perceber tal condição interacionista das feiras de livro como zonas de prosa tanto no espectro histórico remoto do pensamento no campo, como demonstra Baratin (2008) na condição gramatical das próprias bibliotecas (sua “história simbólica”, para aquém e para além de sua história administrativa ou epistêmica propriamente dita) e nas modernas configurações dos estudos, principalmente pela

via dos estudos de mediação – é o caso, por exemplo, dos trabalhos de Almeida (2011, 2008) e Marteleto (2002, 1996).

O percurso que nos leva às “zonas de prosa” (conjunto de paisagens urbanas e de outras paisagens na cultura informativa), e, destas, às feiras de livros procura, pois, reconhecer a condição das formas e das formações simbólicas no campo (SALDANHA, 2015) e potenciais aberturas metodológicas qualitativas, como as abordagens etnográficas (SALDANHA; CALIL JÚNIOR, 2015), com vistas à compreensão de suas intersubjetividades que escapam aos métodos quantitativos. Do mesmo modo, permanece em toda a travessia uma preocupação epistemológica, a revisão constante das dinâmicas históricas de nosso pensamento e de suas brechas crítico-teóricas.

### **3. Prosas na feira: da oralidade à busca do simbólico nas feiras de livro**

Uma vida é vivida quando narrada. Com base nessa declaração de Frochtengarten (2005) e em suas reflexões sobre a natureza das narrativas orais, pode-se entender que a narração é “[...] uma prática de linguagem em processo e que se renova a cada experiência de recordar, pensar e contar.” (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 374), estando intrinsecamente ligada às experiências vivenciadas por seus narradores.

De acordo com Benjamin (1987), o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou aquela relatada pelos outros; e incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes. Isto é, segundo o autor, a narrativa oral se relaciona com as experiências pretéritas de seus narradores, resultando a arte de narrar do compartilhamento dessas múltiplas vivências. Experiências essas que influenciam diretamente na vida desses narradores e de seus interlocutores, nos ensinamentos apreendidos e nas decisões tomadas ao longo de sua existência.

Nesse sentido, entende-se que a narrativa oral “[...] não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” (BENJAMIN, 1987, p. 205). E, para que essas narrativas desempenhem seu papel de forma eficaz, elas fazem amplo uso da informação oral.

Turner (2010) afirma que, apesar das novas formas de produção, tratamento, disseminação e troca de informações possibilitadas pelas Tecnologias de Informação e

Comunicação (TICs), que propõem uma interação muito maior entre sujeito e objeto, as práticas de diálogos humanos para o compartilhamento de informações ainda persistem na sociedade contemporânea, de modo a ilustrar sua importância para a apropriação e disseminação de conhecimento. Ainda, afirma que a informação oral é tão eficaz para produzir e obter conhecimento do mundo quanto às informações acessíveis por meios eletrônicos ou impressos, comumente encontrados em ambientes mais formais de informação, como bibliotecas, museus e arquivos.

Nessa perspectiva, Turner (2010) entende a informação oral como aquela que pode ser encontrada principalmente em ambientes informais de informação - como é o caso das feiras de livro - uma vez que ela decorre das trocas informacionais entre sujeitos e não dos ambientes institucionais, considerados como espaços mais “formais” de produção e disseminação científica de informação. Enquadra-se aí os espaços não tradicionais de apropriação de saberes mencionados por Latour (2008) que, a partir de seu *locus* dito mais informal, estão a proporcionar um espaço alternativo, porém propício, para as trocas informacionais entre os sujeitos presentes na feira e, conseqüentemente, sua apropriação de informação e conhecimento.

O ambiente dito informal da feira, ainda que não receba um tratamento formal das informações ali circuladas, está a possibilitar um conhecimento acerca de seu espaço, seus visitantes e seus objetos. Isto é, as interações entre leitores e livreiros, leitores e a feira, livreiros e a feira, contribuem para que esses sujeitos possam construir um conhecimento sobre seu *locus*, bem como de sua importância social e simbólica, considerando-se que cada indivíduo atribui significado aos artefatos reconhecidos e expostos em seu espaço.



#### 4. Itinerário metodológico: uma longa travessia ao universo simbólico das feiras de livro

No primeiro ano de investigação, nos anos de 2015 a 2016, o estudo teve como foco central identificar, mapear e compreender onde e como a pesquisa científica e as fontes de informação gerais sobre as feiras de livro se desenvolvem no cenário epistemológico contemporâneo, com ênfase para o Estado do Rio de Janeiro. Nesta etapa, priorizamos os dados tangíveis, a fim de analisar como a construção de conhecimento sobre as feiras de livro se dá no ambiente técnico-científico como um todo - isto é, *se* e *o quanto* as feiras são estudadas nas áreas científicas.

Na segunda fase do estudo, desenvolvida de 2016 a 2017, buscou-se investigar como o conhecimento sobre as feiras de livro se constrói em seu *locus*, para além da pesquisa científica e das fontes de informação gerais, de modo a iluminar as experiências simbólicas e de apropriação de saberes que ocorrem nesses ambientes. Para esse contexto, a condição da cultura informativa e de sua condicionante simbólica foi privilegiada. Para tal, a abordagem qualitativa foi selecionada, direcionada ao estudo das narrativas orais dos sujeitos que vivenciam as feiras, bem como para a observação direta no cotidiano das mesmas. A proposta inicial era utilizar um modelo de apropriação estritamente etnográfica. No entanto, dadas as condições específicas do campo e o prazo de coleta, optou-se por conjugar as abordagens da observação direta com entrevistas semiestruturadas.

- Horizonte inicial do estudo: um mapa da produção de conhecimento sobre as feiras na epistemologia informativa

No que tange às fontes especializadas de informação, realizamos consultas nas principais bases de dados científicas nacionais, a fim de mapear e de compreender como o estudo sobre a feira se dava nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, especialmente Biblioteconomia e Ciência da Informação. Foram analisados, neste sentido, a BDTD-IBICT (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia); a SciELO (*Scientific Electronic Library Online*); o Portal de Periódicos da CAPES; e a BRAPCI (Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação).

Em relação às fontes gerais de informação, que envolveram consultas aos sítios eletrônicos de associações, editoras, coletivos de editores e portais institucionais, as pesquisas



foram realizadas em portais de instituições que possuem reconhecimento no cenário editorial nacional, bem como em ações ligadas à promoção do livro e da leitura, a saber: Câmara Brasileira do Livro (CBL); Fundação Biblioteca Nacional (FBN); Associação Brasileira do Livro (ABL); Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBU); Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER); Liga Brasileira de Editoras (LIBRE); Associação Brasileira de Difusão do Livro (ABDL); Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros); Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU); Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL); e, por fim, Associação Nacional de Livrarias (ANL).

No concernente às fontes de informação especializadas, verificou-se a escassez de material sobre o tema “feira de livro”, seja no âmbito da Ciência da Informação, bem como nos demais campos, evidenciando que a feira não é um objeto muito estudado no território científico. Por outro lado, no tocante às fontes gerais de informação, a feira aparece com maior frequência, se comparado às bases científicas. Existem inúmeros projetos, nos âmbitos nacional e estadual, que buscam incentivar e proporcionar a realização e divulgação das feiras de livro, com o intuito de promover o acesso e a democratização do livro e da leitura.

Nesse contexto, no intuito de olhar a feira “por dentro”, de mergulhar em seu cenário simbólico e dinâmico, buscou-se analisar, na segunda etapa do projeto, como a construção do conhecimento sobre as feiras e o universo informativo se manifestava em seu *locus*. Isto é, como a vivência nas feiras produz significação simbólica de seus sujeitos e promove a apropriação de saberes sobre esses ambientes e seus artefatos informativos.

Para o recorte, escolheu-se como espaço geográfico a cidade do Rio de Janeiro. Centralmente, como objeto de análise, a “Primavera Literária”, antiga “Primavera dos Livros”, que é realizada anualmente na cidade do Rio de Janeiro, sendo o Museu da República seu espaço de ocupação ao longo das últimas edições. No ano de intervenção, o evento ocorreu no período compreendido entre 17 a 20 de novembro de 2016 (quinta-feira a domingo), sendo possível realizar entrevistas com livreiros e visitantes no dia 19 de novembro (sábado), e, assim, analisar como se manifestam as relações simbólicas, a produção e circulação de saberes e a apropriação de informação sobre a feira e seus artefatos informativos em seu ambiente.

A escolha do dia se deu especialmente pelo fato de o fim de semana se configurar como um dia mais propício para reunir o maior número possível de indivíduos, com suas múltiplas identidades culturais, étnicas, sociais, de faixa etária e de gênero, que serviriam às propostas de

análise da presente investigação. Seria possível observar, assim, como se dava a circulação de diferentes pessoas, bem como sua interação com a feira, seus sujeitos, seus objetos.

Cumprido salientar, no escopo da proposta mais ampla do estudo sobre interações simbólicas e intervenções urbanas, que uma outra intervenção fora realizada na feira, no ano de 2014, com o intuito de observar as características da Primavera, isto é, seu espaço, seus visitantes, os tipos de livros e editoras presentes, bem como as mediações humanas e tecnológicas que ocorrem entre os sujeitos e os artefatos informativos expostos em seu *locus*. Por esse motivo, muitas das reflexões realizadas no decorrer da Primavera Literária de 2014, tendo como fundamento a observação direta e as entrevistas realizadas com os livreiros e visitantes, foram adotadas como fontes pré-estruturadas para a reflexão atual.

Para tal, a investigação fora dividida em três objetivos específicos: 1) discorrer sobre as feiras de livro no Estado do Rio de Janeiro, com ênfase para a Primavera Literária de 2016; 2) realizar entrevistas com livreiros e visitantes na Primavera Literária de 2016, com vistas à obtenção de dados acerca do conhecimento dos mesmos sobre as feiras e o universo informativo como um todo; e, por fim, 3) analisar e discutir as entrevistas realizadas nesse evento, buscando estabelecer uma compreensão acerca da construção de conhecimento dos livreiros e visitantes sobre as feiras em seu *locus*, bem como as interações simbólicas entre sujeitos e artefatos informativos decorrentes desses espaços.

Além da pesquisa bibliográfica e documental, estruturada no método indutivo, buscou-se, em um primeiro momento, utilizar a metodologia da história oral como abordagem teórica estrutural e metodologia principal para a produção dos dados. O foco estava na centralidade do papel das narrativas sobre o espaço e suas interações como modo teórico-metodológico coerente de compreensão das zonas de prosa.

O intuito inicial era, após a realização de entrevistas com livreiros e visitantes do evento, fundamentadas no método aleatório, filtrar os relatos de vida que mais correspondiam aos propósitos da presente investigação e, assim, realizar uma entrevista mais longa baseada nos pressupostos da história oral, através da qual o narrador contaria a história de sua vida e como ela se entrelaça com o universo informativo, lançando luz em sua relação simbólica com os livros, com o conhecimento e com o ambiente das feiras.

Todavia, após a intervenção na Primavera Literária e a realização das primeiras entrevistas, foram feitas inúmeras tentativas com os entrevistados, durante os meses de março

e abril de 2017 – período marcado para a coleta de dados -, de agendamento de entrevistas de história oral. Uma vez que não se obteve retorno algum, a metodologia de história oral fora abandonada como método central, e restou como orientação teórica. Esta serviu como base para a produção do roteiro e aplicação das entrevistas realizadas em novembro de 2016. O critério de seleção da população pesquisada teve como foco o método aleatório de identificação da população, adotado para a escolha das entrevistas com visitantes e livreiros.

- Da construção do instrumento de coleta de dados: a “brecha qualitativa” das narrativas

No contexto da proposta mais ampla do estudo em investigar as formações simbólicas e apropriação de saberes a partir de experiências urbanas e considerando-se as trocas de informações orais como uma forma de se produzir e adquirir conhecimento, sobretudo em espaços não tradicionais de circulação de informação, tal qual apontado por Turner (2010), utilizou-se as entrevistas realizadas na Primavera Literária de 2016 para entender como se dá a construção do conhecimento sobre as feiras em seu *locus*, bem como do universo informacional como um todo.

Buscou-se, através dos relatos narrados pelos entrevistados, compreender sua relação e interação simbólica com o espaço da feira e a própria feira em si, como também, com os artefatos informacionais que estão ali expostos. Com isso, objetiva-se entender como chegaram até as feiras de livro e qual a relação com o universo informacional que permitiu tal tipo de interação.

Para tanto, foram estabelecidas quatro variáveis que contemplam tanto o conhecimento sobre as feiras como a vivência nas mesmas. O roteiro inicial das entrevistas contava com um máximo de 10 perguntas a serem aplicadas em livreiros e visitantes da Primavera Literária, sendo duas para cada variável. As variáveis encontram-se elencadas da seguinte forma: 1) fontes de informação; 2) produção do conhecimento sobre a feira; 3) circulação do conhecimento na feira; e 4) apropriação do conhecimento na feira.

A orientação discursiva que permeou a estruturação das variáveis levou em consideração a proposta mais ampla do estudo em investigar a relação entre o conhecimento sobre as feiras e as interações simbólicas que se desenvolvem em seu *locus*, estando dividida em duas abordagens conceituais: o conhecimento que os livreiros e visitantes têm sobre as feiras (fontes de informação e produção do conhecimento sobre a feira) e como o conhecimento sobre

as feiras influencia na vivência e produção de significação simbólica de seus sujeitos e para a apropriação de saberes em seu espaço (circulação do conhecimento na feira e apropriação do conhecimento na feira).

Já para a elaboração das perguntas, considerou-se as análises realizadas em outras feiras de livro, obtidas a partir das intervenções e visitações às outras edições da Primavera Literária, que permitiu uma observação da feira como um todo, bem como da interação dos livreiros e visitantes com seu espaço. Nesse sentido, a estruturação da entrevista, elaborada entre os dias 16 a 18 de novembro de 2016, deu-se a partir das duas abordagens conceituais supracitadas.

No que tange ao conhecimento que os livreiros e visitantes têm sobre as feiras, estruturou-se a primeira variável, “Fontes de informação na feira”, destinado aos visitantes, segundo as seguintes perguntas: 1) Como ficou sabendo da feira? E sobre outras feiras, costuma frequentar?; 2) Você frequenta outros tipos de ambiente de informação? Como museus, arquivos e bibliotecas?; e 3) Você está na feira por quê? Qual sua motivação para estar aqui? (livro, diálogo, local, Museu da República e etc).

Ainda no escopo da primeira abordagem conceitual, identificou-se a segunda variável, denominada “Produção do conhecimento sobre a feira”, tendo como público-alvo visitantes e livreiros, a partir das perguntas: 1) O que sabe sobre as feiras em geral? Como as enxerga? (visitantes); 2) A relevância da Primavera Literária e das feiras em geral? (visitantes/livreiros); 3) Qual sua experiência com a feira? Como chegaram às feiras? (livreiros); e 4) Qual a sua percepção sobre a comunidade que vem? Sobre o envolvimento com o público? Teria alguma experiência boa ou engraçada para contar sobre a interação entre o público e a feira? (livreiros).

No contexto da segunda abordagem, que visava analisar como o conhecimento sobre as feiras influencia na vivência e produção de significação simbólica e apropriação de conhecimento de seus sujeitos, estabeleceu-se a terceira variável, definida como “Circulação do conhecimento na feira”, cujo público-alvo foram os visitantes, elencando-se as seguintes perguntas: 1) Como você enxerga a leitura no âmbito das feiras? Você acha que as feiras ajudam a promover a leitura? Considera as feiras como ambientes de leitura?; 2) As feiras motivam as prosas, as relações entre os leitores? De que forma? Quais trocas você acha que podemos obter com as feiras?; e 3) Estão aproveitando outras atividades da feira? (sarau, autores, espaço do Museu, lendo os livros comprados, mexendo no celular) ou apenas vendo e comprando livros?.

A quarta e última variável, “Apropriação do conhecimento na feira”, segue a mesma orientação da segunda abordagem conceitual, sendo direcionada aos visitantes e livreiros da Primavera Literária. As perguntas estabelecidas foram as seguintes: 1) Qual a sua relação com o livro e a leitura? O que a leitura representa para você? Tem alguma lembrança especial sobre o livro e a leitura? (livreiros/visitantes); 2) Mesmo com a evolução tecnológica (celular, *ebook*, *internet*), por que você ainda acha importante vir à feira, já que podemos ter acesso ao livro de maneira virtual? (livreiros/visitantes); 3) Como você enxerga a evolução tecnológica face à feira? Atrapalhou ou contribuiu para as vendas e o movimento nas feiras? E a relação usuário e feira? (livreiros); e 4) Como você enxerga essa interação entre impresso e digital no âmbito das feiras? (livreiros).

Assim, foram realizadas, no total, 10 entrevistas, compreendendo livreiros (cinco) e visitantes (cinco), com homens e mulheres na faixa etária limite de 20 a 70 anos. Tal como já mencionado, a intervenção na feira se deu no dia 19 de novembro de 2016 (sábado), com entrada às 15h30min e saída às 20h. A escolha do horário se deu a partir da consideração de que se tratava de um fim de semana, inferindo-se que o movimento estaria maior, de modo a possibilitar uma melhor e mais completa análise.

## **5. Relatos de uma feira de livros: contextualizações da Primavera Literária de 2016, seus sujeitos e seus artefatos informativos**

As feiras de livro ocupam logradouros públicos, como praças e museus, desde seu surgimento em território nacional, na década de 1950, conforme aponta Ferraz (2006). Com isso, pode-se inferir que tal ocupação, desde seu início, propiciou não apenas a facilidade de acesso às mais diversas camadas sociais, como também, o desenvolvimento de um caráter social das feiras que, por meio da venda de livros à preços módicos, estão a democratizar, até os dias de hoje, um objeto e uma atividade que sempre foram vistas como privilégio de poucos.

Dessa forma, diante do papel social da feira e, tendo como recorte geográfico a cidade do Rio de Janeiro, sabe-se que as mesmas desempenham atividades fundamentais de promoção ao livro e à leitura, seja através das feiras realizadas em praças públicas ou aquelas que se dão em ambientes mais “formais”, como museus e salões. O objetivo de todas elas é semelhante, ainda que possam ser identificadas especificidades em cada contexto: estimular os hábitos e o

gosto pela leitura através da venda de livros à preços mais acessíveis do que aqueles encontrados nas livrarias.

Nesse contexto, dentre as inúmeras instituições de nível estadual e nacional que apoiam e realizam iniciativas relacionadas às feiras de livro no Rio de Janeiro, pode-se destacar a atuação da LIBRE que, por meio da Primavera Literária, antiga “Primavera dos Livros”, busca oferecer um evento de acesso gratuito e estimular as práticas de leitura, a partir da compreensão de que o livro é um produto capaz de alterar o panorama intelectual do país, bem como um caminho fundamental para a criação de uma consciência crítica do indivíduo e o exercício pleno de sua cidadania (LIBRE, 2017).

Por essa razão, entendendo-se que um ambiente de acesso gratuito, por reunir sujeitos das mais diferentes camadas sociais, etnias e gêneros, pode vir a congrega as mais diversas experiências e interações simbólicas, com as mais distintas formas de apropriação de conhecimento, especialmente sobre o *locus* da feira e do universo informativo, optou-se por dar ênfase a esse evento como objeto de análise na pesquisa.

A Primavera Literária teve sua primeira edição em 2001, na cidade do Rio de Janeiro. O evento, realizado anualmente, nasceu com o propósito de promover o acesso ao livro e à leitura através da venda de livros à preços módicos por editoras independentes de pequeno e médio porte que buscam um espaço maior de atuação no mercado editorial brasileiro.

É por essa razão que a LIBRE criou um evento que congrega, ao mesmo tempo, o incentivo ao desenvolvimento dos hábitos de leitura com a visibilidade de uma produção alternativa a tendência do *best-seller*, oferecendo ao público uma produção literária comercializada por pequenas e médias editoras, como os livros universitários e infantis, por exemplo. Assim, o evento está não apenas tentando aproximar o livro da população com a democratização de cultura e conhecimento, como também, defendendo as políticas públicas e de mercado que valorizam essa produção independente, de forma a oferecer novas possibilidades de leitura ao seu público (LIBRE, 2017).

Vale ressaltar ainda que a Primavera propicia um ambiente informativo que vai muito além do acesso ao livro e das práticas comerciais propriamente ditas. Todo ano, o evento reúne autores, editores e ilustradores, bem como oferece saraus, oficinas e debates sobre o papel social do livro, que acabam por colocar o público frente a frente com as inúmeras práticas

informativos, de modo que o mesmo se encontra cada vez mais capaz de se apropriar dos saberes ali expostos e interagir com os artefatos e sujeitos da feira.

Com isso, tendo por base os dados expostos sobre a Primavera Literária, vale mencionar que a edição de 2016 ocupou os jardins do Museu da República dos dias 17 (quinta-feira) a 20 de novembro (domingo), das 10h às 22h. Nesse contexto, conforme já explicitado, a intervenção na feira se deu no dia 19 de novembro de 2016 (sábado), das 15h30min às 20h.

Destaca-se que a primeira novidade da feira é que ela não se intitula mais como “Primavera dos Livros”, tal como o fazia desde seu surgimento. Conforme já apontado anteriormente, o nome do evento mudou para “Primavera Literária”, tendo em vista a reestruturação das atividades, bem como a revitalização de sua forma. Tanto a feira quanto a programação encontram-se mais dinâmicas e joviais, segundo a própria LIBRE (2017). Ainda, segundo os livreiros da feira, a mudança do nome do evento também tem como objetivo dar um ar mais poético e filosófico para a Primavera, o que agradou os livreiros e editores associados à LIBRE.

Tendo em vista os apontamentos realizados em relação à Primavera de 2016 e 2014, no que tange aos aspectos concernentes à “vivência da feira”, foi possível notar consideráveis diferenças entre a Primavera de 2016 e a de 2014, o que também influencia nas relações simbólicas entre os livreiros, visitantes e a própria feira. A primeira dessas diferenças encontra-se no movimento e público da feira.

Isto é, no ano de 2014, a Primavera encontrava-se mais cheia, tanto no que tange aos visitantes quanto ao número de barracas. Havia não só mais pessoas, como também, uma variedade maior de visitantes, incluindo-se aí idosos, adultos e jovens pertencentes aos mais variados estilos e idade. Em 2014 havia, sobretudo, diversas identidades, culturas, faixas etárias e classes sociais percorrendo os jardins do Museu da República.

Já em 2016, por outro lado, o público estava muito menor e menos diversificado. Apesar da conhecida gratuidade do evento, não havia uma diversidade cultural tão notória como aquela ocorrida em 2014. Tal fato pode ser justificado, de certa forma, tanto pela crise que o país atravessa – que acaba por diminuir o poder de compra dos visitantes – quanto pelo fato de o dia estar nublado. De toda forma, os visitantes que foram à Primavera em 2016 eram, em sua maioria, compostos por crianças, adultos e idosos.



As editoras e os tipos de livros encontrados na Primavera Literária também diferem dos que podiam ser observados em 2014. A feira contava com inúmeras editoras universitárias, bem como umas ou outras voltadas para o público infanto-juvenil; porém, seu foco estava nos livros teóricos e em obras voltadas para um público adulto.

Já em 2016, a Primavera parecia estar voltada, em grande parte, para o público infanto-juvenil, fato que pôde ser observado não apenas através do espaço criado para atividades culturais e educativas para crianças, bem como pelos livros e editoras encontrados ali. A quantidade de editoras universitárias ou de outros gêneros, tão presentes em outras edições, era muito pequena. Porém, a feira ainda contava com suas usuais editoras universitárias.

Ainda, interessa mencionar que, diferentemente de 2014, a Primavera de 2016 parecia mais um evento familiar, onde os pais podiam levar seus filhos para participar de atividades educativas, passear pelos jardins ou comer pelos diversos *foodtrucks* espalhados pelo Museu. Os adultos e idosos, em contrapartida, além dessas atividades, participavam das oficinas, palestras, dos saraus e aproveitavam também o jardim para passear e fotografar.

Nesse contexto, é interessante ressaltar uma outra diferença, não tão presente em 2014: os visitantes da Primavera Literária estavam mais interessados em ler e comprar livros, interagir com os livreiros e outros visitantes do que com os artefatos tecnológicos. Em 2014, muitas pessoas aproveitaram a feira para fotografar os livros, a si mesmos ou o local, e fazer uso do celular. Em 2016, por outro lado, os visitantes pareciam mais preocupados em ver-folhear os livros, compra-los e mostra-los aos seus filhos e familiares.

Assim, com a feira, tornou-se possível observar as múltiplas mediações humanas e tecnológicas. Eram inúmeras as cenas de pais lendo com seus filhos, introduzindo-os ao mundo da leitura. Ainda que muitas pessoas estivessem utilizando intensamente seus celulares, fotografando os livros, a feira, o Museu ou a si mesmos, suas mãos permaneciam repletas de sacolas, demarcando a convivência entre os novos dispositivos e o código vegetal.

Com isso, tendo por base as observações realizadas na última edição da Primavera Literária, foi possível notar as inúmeras interações simbólicas ocorridas entre os sujeitos - com suas múltiplas identidades - e os artefatos informacionais expostos na feira, bem como a apropriação de informação que se dá nesses espaços.

Tal conjunto de relações de apropriação de informação e interações simbólicas pôde ser observado com mais profundidade a partir das entrevistas realizadas na Primavera de 2016 com

visitantes e livreiros, que permitiu uma análise mais detalhada sobre como essas relações e o conhecimento desses sujeitos sobre as feiras pôde ser construído em seu *locus*.

## 6. Hoje é dia de feira: narrativas, informação e cultura informacional

As entrevistas realizadas com os visitantes e livreiros na Primavera Literária permitiram estabelecer uma compreensão acerca das condições simbólicas de “apropriação e circulação de saberes” que se dá no *locus* das feiras de livro. Foram muitos os conhecimentos construídos por meio dos relatos dos entrevistados, que compartilharam sua experiência com o universo informacional – fato que propiciou sua chegada na feira enquanto livreiro ou visitante -, bem como sua visão sobre o espaço das feiras e sua contribuição para a sociedade atual.

Por meio das informações obtidas a partir das entrevistas realizadas, torna-se possível entender as feiras de livro como ambientes que se constituem como espaços propícios para a sociabilidade e circulação e apropriação de informação, uma vez que cada objeto ali exposto está repleto de significados simbólicos.

Essa percepção vai ao encontro da noção de Marteleto (1995) sobre a cultura informacional, a partir da qual a informação como artefato, isto é, como processo que produz e estimula as práticas sociais e informacionais dos sujeitos, está intrinsecamente ligada ao ambiente cultural em que essas relações se dão.

Os inúmeros artefatos expostos no *locus* da feira, tal como a linguagem, o discurso, os signos, os objetos, o encontro e o trabalho, encontram-se ali presentes no exato momento em que os indivíduos vendem, compram e passeiam, de modo a proporcionar sua relação direta e, assim, atribuir significados e apropriar-se das informações geradas por esses objetos.

Assim, para a autora, a cultura informacional depende das atividades de produção, reprodução, transmissão e aquisição, por meio do qual os indivíduos precisam estar integrados em um ambiente em que haja práticas e relações sociais e informacionais que lhes permitam atribuir significados e apropriar-se das informações ali distribuídas (MARTELETO, 1995).

Nesse plano, segundo Ferraz (2006), os ambientes das feiras são propícios para tais cenários, uma vez que muitas atividades de significação são criadas, tais como a montagem das barracas, o comércio, a interação entre livreiros e visitantes, visitantes e artefatos, de modo que

uma rede de significados é criada, permitindo a circulação e apropriação de informação a partir das significações dadas aos artefatos informacionais.

Nesse contexto, tornou-se possível observar as inúmeras interações entre os sujeitos integrantes da Primavera e os artefatos informacionais ali expostos, de modo que esses indivíduos puderam atribuir uma gama de significados aos objetos reconhecidos ali (livro, celular, câmera fotográfica, feira, leitor, entrevistador, livreiro, barraca), e construir seu conhecimento sobre a feira e sobre o que os levaram até ali.

Assim, inicialmente, tendo por base os livreiros e visitantes entrevistados, percebe-se que grande parte das pessoas foi à Primavera Literária já direcionada para a feira de livro. Isto é, apesar de o Museu da República ser considerado como um espaço, além de histórico, também recreativo, onde dezenas de pessoas vão todos os dias para percorrer seus jardins, muitos dos indivíduos entrevistados foram já sabendo que ali estava tendo uma feira de livro e interessados em visitá-la. Foram poucos os entrevistados que foram até o Museu sem o conhecimento sobre a feira. E, mesmo para os que foram para fotografar os jardins e se depararam com a feira, como foi o caso de duas entrevistas (ENTREVISTA 1), elas não deixaram de visitar, comprar e se encantar com a Primavera.

Sobre os livreiros entrevistados, todos eles ressaltaram a importância da Primavera Literária como um instrumento social de democratização da cultura e de estímulo ao gosto pelo livro e pela leitura, de modo que o evento, ao proporcionar o acesso à diversas obras por preços módicos, está a trabalhar para mudar o cenário brasileiro no que diz respeito ao número de leitores e de indivíduos que têm hábitos de leitura.

Contudo, a maioria deles focou consideravelmente na questão da interação entre livreiro e cliente. Para eles, um dos aspectos mais importantes da feira não são apenas os preços mais baixos nem a democratização da leitura, mas sim a possibilidade de se obter uma relação direta com o visitante. Saber exatamente o que ele quer, poder dar sugestões, auxiliar na busca de um livro. Todos esses aspectos foram citados pelos livreiros. E, ao decorrer das entrevistas, foi possível observar e vivenciar o trabalho deles na feira, tendo a chance de ver o amor e a vontade com que eles faziam seu trabalho. A paciência com os visitantes em contar a história do livro, sugerir outros tipos de leitura é notória no trabalho de cada livreiro entrevistado.

Isso lança luz sobre o caráter intelectual da Primavera Literária, que acaba por diferenciá-la consideravelmente das outras feiras de livro, sobretudo aquelas realizadas em

praças públicas. Como feira literária, ainda que um dos objetivos da Primavera seja a venda de livros, este não parece ser seu único intuito. Com base na intervenção na feira, bem como nas entrevistas realizadas, pôde-se observar que a Primavera Literária acabou por ganhar um *status* “intelectual”.

Isto pôde ser constatado ao passar pelas “barracas” e observar que grande parte dos livreiros estavam interessados em ressaltar a importância de seu trabalho como disseminador de cultura e dos hábitos de leitura. Eles estavam sempre a dar sugestões de livros, contar uma breve sinopse daquela estória, seduzir e convencer o leitor de que aquela obra valia à pena ser comprada. Seu interesse não era meramente econômico, mas também o de valorizar sua atuação no mercado editorial brasileiro e, ao mesmo tempo, despertar no visitante o interesse pelo livro.

Essa percepção é mais destacada ainda pela concepção de alguns livreiros sobre o que eles entendem e consideram como feiras de livro. Por exemplo, segundo o entrevistado 10, livreiro e ex-tesoureiro da LIBRE, as feiras de rua não podem ser consideradas como “feiras de livro”, mas sim como “saldão de livros”, visto que a maioria dos livros expostos são usados e, em muitas vezes, estão em más condições, assemelhando-se mais a um sebo do que a uma feira literária.

Talvez por essa razão a imagem dos livreiros da Primavera assuma mais um caráter de “intelectuais do livro” do que de “comerciantes”, como seria o caso das instituições que promovem feiras em praças públicas. Os livreiros associados a LIBRE, talvez por representarem editoras que não têm muito espaço no cenário editorial brasileiro, acabam por querer sempre ressaltar a importância da Associação e do seu trabalho.

Nas feiras promovidas em praças públicas, por outro lado, o objetivo principal parece ser a venda de livros. Ali, como participantes e componentes da feira, também estão interessados na disseminação do livro e dos hábitos de leitura. Contudo, tendo em vista que grande parte dos expositores da feira também são donos de sebos e livrarias pequenas, seu objetivo principal acaba sendo a venda de livros que, no caso das feiras de rua, oferece um lucro mais rápido e direto do que aos livreiros da Primavera Literária que, em sua maioria, pertencem a editoras ao invés de serem donos de estabelecimentos do livro.

Isso acaba por denotar as múltiplas concepções que o termo “feira de livro” pode vir a suscitar, de modo que o seu conhecimento se dá de diferentes formas, em diferentes *locus*. No caso dos livreiros entrevistados na Primavera Literária, a feira de livros é entendida como um

evento cultural e intelectual (mesmo que o fim econômico não esteja em hipótese alguma anulado), no qual o propósito único de venda constitui-se como secundário quando comparado às inúmeras relações sociais e informacionais que podem vir a gerar. Sua importância maior, segundo os livreiros da Primavera, é despertar o gosto pela leitura, estimular interações entre livreiros e visitantes, expandir a visibilidade das pequenas e médias editoras; e não apenas vender qualquer tipo de livro.

Não apenas os livreiros têm suas opiniões e interações com o espaço da feira; os visitantes também possuem seus conhecimentos e entendimentos sobre a mesma. Eles enxergam como um ambiente propício para estimular o gosto pela leitura e, ainda, a sociabilidade, tendo em vista que muitas pessoas vão direcionadas para a Primavera, mas acabam comendo, tirando fotos, conversando e passeando pelos jardins do Museu da República. Além disso, eles consideram a Primavera Literária como um espaço excelente para trocas informacionais e trânsito de saberes, uma vez que em seu *locus* é possível conhecer novas leituras, saber mais sobre determinado livro e, principalmente, manuseá-los. Nesse contexto, isso acaba por ilustrar um aspecto interessante da feira: a questão da evolução tecnológica.

Em muitas entrevistas com visitantes e livreiros, todos demonstraram sua boa relação com os novos artefatos tecnológicos e quase nenhuma preocupação com a influência da *internet* e do *ebook* em relação ao livro físico. Isto é, o fato de existir um novo suporte para o livro não anula o interesse deles no livro físico. Os visitantes entrevistados alegaram a importância das feiras de livro para a promoção da leitura e dos hábitos de leitura, demonstrando a relevância, sobretudo, do código vegetal para esta empreitada. Alegaram ainda que, apesar de o *ebook*, por exemplo, ser um facilitador, o código vegetal é preferível, considerando, para eles, os aspectos simbólicos concernentes ao livro no plano cultural, bem como outras materialidades inerentes ao gesto da leitura, como o cheiro e o manuseio do artefato.

A maioria dos livreiros também compartilham dessa opinião, alegando que a evolução tecnológica não influenciou no consumo ou na frequência das pessoas na feira. Para eles, é um consenso que as pessoas preferem os livros físicos. Contudo, o entrevistado 9, livreiro, afirmou que, no que concerne aos livros técnicos, o livro digital pode vir a suplantá-lo, considerando que as pessoas vão preferir compilar os livros técnicos em um leitor digital (onde podem-se reunir vários títulos) do que levar diversos livros, muitas vezes pesados, para faculdade, por exemplo. Porém, no tocante à literatura de ficção, afirma que os clientes preferem tocar e sentir o livro do que o ler em sua forma digital.

Assim, apesar das transformações tecnológicas, os visitantes e livreiros da Primavera defenderam a existência e a importância do código vegetal para a sociedade, seja por sua finalidade prática e comercial, seja pelos aspectos simbólicos que despertam nos indivíduos. Isso quer dizer que, ainda que estivessem tirando fotos ou utilizando seus celulares, os visitantes da feira não deixavam de comprar livros e ensinar sobre sua relevância para os seus familiares; tampouco os livreiros demonstraram algum receio de perder seu espaço para o livro eletrônico.

Já no que tange ao fato de como os visitantes souberam sobre a ocorrência da Primavera Literária, muitos alegaram que foram até ali por meio de conhecidos que já frequentavam muitas edições das feiras e interessavam-se por pesquisar sobre suas datas. Isso corrobora o argumento de que as feiras não são muito estudadas nem disseminadas nos âmbitos formais ou informais de informação. São poucos os veículos de informação que buscam divulgar a feira expansivamente, de modo que são os próprios visitantes interessados no evento que buscam saber sobre sua ocorrência ou muitos deles só sabem da feira no momento de sua realização, quando vão para o Museu da República com outro objetivo.

Contudo, o que mais gerou interesse nas entrevistas foram os relatos narrados pelos entrevistados sobre sua relação simbólica com o livro e o universo informativo como um todo, de modo a lançar luz sobre como adquiriram o hábito de leitura e chegaram ao *locus* da feira. Nesse contexto, torna-se válido mencionar duas entrevistas realizadas durante a Primavera que ilustram a relação simbólica do indivíduo com o livro físico, de modo a lançar luz não apenas nas constituições de memória, como também, na influência do código na vida de inúmeras pessoas. A entrevistada 4, de 53 anos, visitante assídua da Primavera Literária, relatou na entrevista o papel desempenhado pelo livro tanto na sua formação como leitora quanto em suas escolhas e exercício profissional. Quando pequena, estudante de uma escola pública e sem condições financeiras, a entrevistada não tinha condições de comprar o livro solicitado pelo professor em sala. Diante desse impasse, o docente comprou o exemplar de “O pequeno príncipe” solicitado em aula para ela e a entrevistada relatou que essa atitude mudou suas concepções sobre o livro, a leitura e sua própria vida. Ela não somente desenvolveu o hábito da leitura, como também se tornou professora, buscando até hoje incentivar e disseminar sua experiência como leitora. E esse era um dos motivos pelos quais a entrevistada 4 encontrava-se na Primavera: comprar livros de literatura infanto-juvenil para levar aos seus alunos; muitos que, como ela, não tinham condições de arcar com um exemplar.

O entrevistado 7, por outro lado, é um livreiro da UNESP que trabalha há mais de vinte anos no ramo. No decorrer da feira, ele relatou como desenvolveu seu hábito de leitura, que acabou por leva-lo até o evento. Considerando que o entrevistado se encontra na faixa dos 50 anos, ele relatou que em sua época o processo seletivo era realizado por meio da entrega de fichas no que se entende como postos de trabalho. Assim, ao ser chamado, tanto ele quanto os demais candidatos não sabiam ainda onde iriam trabalhar. Quando chegaram em uma livraria, o entrevistado 7 relatou que seu chefe mandou que limpassem e organizassem os livros na estante, resultando na desistência de muitos candidatos. No que organizava os livros, o entrevistado deparou-se com “Antologia poética”, livro de Carlos Drummond de Andrade que ele afirma ter mudado sua vida. Encantado com a obra, o entrevistado diz que ficou, durante três horas, no alto de uma escada com o exemplar na mão, sem ver que as horas passavam. Ao ser encontrado naquela situação, tornou-se chacota dos amigos, mas seu chefe percebeu sua relação com o livro e prontamente entendeu que seu funcionário estava no ramo certo. E assim ele relatou como chegou ao mundo dos livros e, conseqüentemente, nas feiras.

As duas entrevistas mencionadas são apenas alguns poucos exemplos, dentre inúmeros, da relação entre indivíduos e o livro e a leitura. No que tange aos livreiros, em especial, sua chegada à feira é sempre envolta por histórias que apresentam uma relação interessante com os livros e a leitura: família de livreiros, trabalho com livros, amor aos livros. É interessante ver como essas histórias apresentam o livro enquanto objeto transformador de uma realidade. Para muitas pessoas, inclusive para os livreiros, o livro mudou suas vidas e os trouxe até o *locus* das feiras.

Assim, tendo por base as entrevistas realizadas, torna-se possível observar a relação simbólica entre livreiros e visitantes com o universo informativo, de modo que suas experiências pretéritas com artefatos informativos os trouxeram ao *locus* das feiras. Nesse caso, ao compilar e analisar os relatos orais de livreiros e visitantes no âmbito das feiras, nota-se, entre eles, uma espécie de sentimento de pertença, tal como explicitado por Halbwachs (1956 *apud* Frochtengarten, 2005, p. 367), em relação ao *locus* da feira e do universo informativo como um todo.

Isto é, ao relatar as experiências e relações vivenciadas com o livro enquanto objeto (como chegou ao mundo dos livros, emprego com os livros, como passou a gostar dos livros) e as conseqüências desencadeadas a partir daí (trabalho com os livros/introdução ao mundo das



feiras), os entrevistados estão a experimentar um sentimento simbólico em relação ao *locus* das feiras.

Esse sentimento é desencadeado por meio da relação entre o passado (isto é, a introdução ao mundo dos livros, o primeiro contato com o livro como objeto) e os elementos reconhecidos contidos no *locus* das feiras repletos de significados conhecidos (livro, leitor, feira) que os levam a se identificarem com aquele ambiente e estabelecerem uma espécie de relação simbólica com a feira, de modo a suscitar sentimentos não apenas de pertença a um grupo, como também, a própria ocupação simbólica do espaço.

Quando Frochtengarten (2005) aponta para as lembranças como resultado de reconstrução do vivido, a prática de recolhimento de lembranças por meio de depoimentos através da narrativa dos livreiros está a relatar toda a trajetória deste livreiro, isto é, desde o seu primeiro contato com o livro enquanto objeto e produto intelectual até sua introdução nas feiras como representante, vendedor de livros e mediador e disseminador da leitura. Aí compreendemos estar contidos os aspectos simbólicos dessa relação e das experiências vividas por esse livreiro, ou seja, conforme a posição epistemológica de Shera (1977), trata-se de um modo de construção do conhecimento que não está em uma dada instituição, ou um artefato, ou em um sujeito, mas nas interações entre sujeitos históricos, no mundo social, e seus construtos, como as instituições e os livros, a partir das diferentes manifestações da linguagem.

Nesse contexto, considerando-se que as narrativas orais estão intrinsecamente relacionadas às experiências vivenciadas por seus narradores, segundo Benjamin (1987) e Frochtengarten (2005), e que é a partir de suas lembranças que torna-se possível atribuir sentido e significado aos objetos informativos que os circundam, entende-se que é através de suas vivências com o mundo dos livros, das memórias afetivas e relações simbólicas ali criadas, muitas vezes, desde a infância, que moldam sua visão e seu conhecimento sobre o universo das feiras de livro.

Dessa forma, as trocas informativas produzidas oralmente em ambientes ditos informais, segundo Turner (2010), acabam por contribuir para uma compreensão acerca de como o conhecimento sobre o *locus* da feira, bem como de seus participantes e objetos, são construídos, tendo por base suas experiências com o universo informativo. Isso quer dizer que a imagem e a relação que os sujeitos têm com a feira, a maneira como chegam até ela, bem como as informações que têm sobre a mesma, são moldadas e influenciadas pelas suas vivências com os espaços de produção e circulação de saberes.

## 7. Qual é o dia da feira? Questionando o pensamento biblioteconômico-informacional

Através do estudo, torna-se possível inferir que todos os entrevistados demonstraram sua relação com o universo informacional da feira e seus objetos ali estruturados nos permitem compreender as dinâmicas das interações simbólicas e suas co-constituições junto dos artefatos informacionais ali expostos. A chegada de livreiros e visitantes à feira tem relação direta com suas experiências pretéritas em relação ao livro, que despertaram neles esse gosto pelo mundo informacional e pela vontade de trabalhar e frequentar espaços dedicados ao livro e à leitura.

Além disso, observou-se que o conhecimento produzido, circulado e adquirido na feira vai muito além do entendimento de sua importância para a democratização do acesso à leitura e a cultura. Os livreiros, em especial, conhecem seu público, sabem o que eles procuram, o que é mais passível de agradar um leitor, como fazê-lo se interessar por um livro. Sabem, ainda, sobre as práticas do mercado editorial brasileiro, sabendo exatamente o que é tendência em determinada área e qual o impacto da evolução tecnológica não apenas para o trabalho que fazem, como também, para a sociedade como um todo.

O percurso da pesquisa nos demonstra as complexas dinâmicas interacionais de produção do conhecimento, para muito além do “mundo dos cálculos” dos centros acadêmicos, especializados, tecnológicos. Os ambientes não tradicionais de produção e circulação de saberes, por se configurarem como ambientes informais de apropriação de informação e conhecimento, contribuem para o reconhecimento e ressignificação de artefatos tanto quanto os ambientes formais, de modo a ocasionar a criação de uma realidade simbólica entre sujeito e artefato e a cultura informacional mencionada por Marteleto (2005).

Observou-se, assim, como a Primavera Literária de 2016 se constituiu como um espaço de apropriação de informação e conhecimento, bem como de criação de realidades e interações. Não apenas as barracas de livro, mas também os espaços reservados aos debates, oficinas e à educação infantil demonstraram a importância do acesso ao livro e à leitura como um meio de aquisição de conhecimento e cidadania.

Os visitantes da feira estavam a aprender, seja por meio das interações com livreiros, com os livros ali expostos ou com os demais espaços do evento, como os artefatos informacionais se configuram como instrumentos essenciais na vida de qualquer sujeito. E isso se deu essencialmente pela atribuição de significados aos objetos ali expostos e reconhecidos,

como o livro, as barracas, os livreiros, que permitiram que seus sujeitos criassem uma relação simbólica com aquele espaço muito além do comércio de livros.

## Referências

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 1, p. 01-24, 2008.

\_\_\_\_\_; CRIPPA, Giulia. Mediações artísticas e informacionais no contexto urbano: algumas reflexões e paradoxos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, p. 125-140, 2011.

BARATIN, Marc. Da biblioteca à gramática: o paradigma da acumulação. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. p. 227-233.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1. p. 197-221.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva. **Livros em festa**. 2006. 193 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 367-376, set./dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300027](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300027)>. Acesso em: 10 jun. 2017.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. p. 21-44.

LIBRE. 2017. Disponível em: <<http://libre.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 06 jun.2017.

MARTELETO, Regina. Conhecimento e sociedade: pressupostos da Antropologia da Informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002. p. 101-115.

\_\_\_\_\_. Lugares dos signos e contextos de informação: a biblioteca como metáfora dos conhecimentos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 241-246, jul./dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-8, 1995.

MARTÍNEZ RIDER, Rosa Maria; RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. Algunas propuestas latino-americanas de objetos de estudio para la investigación bibliotecológica. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v. 27, n. 1, p. 13-44, ene./jun., 2004.

MASSOLA, Gisele. **Educação e mídia na cultura sul-rio-grandense**: um estudo sobre a Feira do Livro de Porto Alegre. 2015. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SALDANHA, Gustavo Silva. Epistemologia da Ciência da Informação e o arquivar simbólico: das notas cassirerianas à constituição simbólica dos estudos informacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 26., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2015. v. 1. p. 1-20.

\_\_\_\_\_. Mediação e formações simbólicas: notas cassirerianas sobre linguagem, conhecimento e cultura na Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014. v. 1. p. 1202-1221.

\_\_\_\_\_.; CALIL JUNIOR, Alberto. Etnobibliografia: entre as hipóteses mallarmaico-blanchotiana e melot-taffiniana. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2015. v. 1. p. 1-20.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977.

TURNER, Deborah. Orally-based information. **Journal of Documentation**, Yorkshire, v. 66, n. 3, p. 370-383, 2010.

Artigo submetido em: 15 nov. 2017

Artigo aceito em: 30 abr. 2018